

## **Informalidade bate novo recorde no País e deve continuar aumentando**

*Taxa de desemprego caiu de 12,5% para 11,8%, puxada por ocupações mais precarizadas, com destaque para as pessoas que começaram a atuar por conta própria ou empregado sem carteira*

### **PAULA SALATI E AGÊNCIAS - SÃO PAULO**

O desemprego recuou em julho, porém o Brasil bateu novo recorde em número de pessoas trabalhando na informalidade. Entre os meses de maio e julho, havia 38,683 milhões de brasileiros nesta situação, maior quantidade desde 2012.

Esse contingente corresponde a 41,3% de toda a população que está ocupada hoje no País, segundo divulgou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na última sexta-feira.

No trimestre encerrado em julho de 2019, a taxa de desocupação (11,8%) recuou 0,6 pontos percentuais (p.p.) em relação ao trimestre de fevereiro a abril de 2019 (12,5%).

Na avaliação da pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Maria Andreia Lameiras, a tendência é que o Brasil continue alcançando novas taxas recordes de informalidade.

No âmbito interno, os índices de confiança não estão conseguindo deslanchar, enquanto na esfera internacional, as turbulências se intensificaram nos últimos dias com o pedido de moratória (renegociação do prazo da dívida) da Argentina.

Há ainda no radar a guerra comercial entre Estados Unidos (EUA) e China e a desaceleração da economia mundial. Para Lameiras, com o ambiente externo incerto, fica mais difícil para a economia brasileira conseguir retomar crescimento mais forte, o que, por sua vez, atrasa a recuperação do emprego formal.

Segundo o IBGE, o número de empregados no setor privado com carteira assinada (inclusive trabalhadores domésticos) foi de 33,1 milhões de pessoas no trimestre encerrado em julho. Esse número representou estabilidade na comparação anual e em relação ao trimestre imediatamente anterior (fevereiro-abril).

# INFORME

A expansão da informalidade fez com que os 93,584 milhões de ocupados no País também batesse número recorde desde 2012.

O IBGE explicou que os 38,683 milhões de brasileiros que estão na informalidade incluem os empregados do setor privado sem carteira assinada; os trabalhadores domésticos sem carteira assinada; conta própria sem CNPJ; os empregadores sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar. “O desemprego está caindo, mas o que está acontecendo? Tem uma transferência para a subutilização, tem um aumento na subocupação”, disse Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, na última sexta-feira.

Do total de informais, 62,7% fazem parte do grupo de trabalhadores por conta própria, ou seja, um total de 24,227 milhões. Esse número também bateu recorde. Em apenas um ano, essa modalidade ganhou a adesão de 1,192 milhão de pessoas. Em um trimestre, foram 343 mil trabalhadores a mais nessa condição. “É o trabalhador que abre uma banquinha na rua para vender quentinha, ou aquele que presta algum serviço a domicílio”, afirma Lameiras. “Esses trabalhadores estão vendo que a atividade está um pouco melhor e, com isso, veem que podem conseguir alguma renda por conta própria, já que ele não encontra um trabalho formal”, completa Lameiras.

Na última quinta-feira, o IBGE divulgou que o PIB do segundo trimestre avançou 0,4% em relação ao primeiro trimestre de 2019, e cresceu 1% na comparação anual. Nadja Heiderich, professora da Fecap, lembra que o PIB do período foi puxado pelos investimentos, que cresceram 3,2% em relação ao primeiro trimestre.

Por isso, ela avalia que, com as empresas retomando alguns projetos, a tendência é que o emprego formal possa ter uma tração maior a partir de 2020, com mais ênfase no segundo semestre. Segundo Nadja, os choques externos tendem a impactar o câmbio, ao provocar evasão de capital de curto prazo, porém não os investimentos no setor produtivo.

## ***Rendimentos***

O IBGE mostrou ainda que a massa de salários em circulação na economia cresceu R\$ 4,493 bilhões no período de um ano, para R\$ 208,627 bilhões, uma alta de 2,2% no trimestre encerrado em julho de 2019, em relação ao mesmo período de 2018, puxada pelo aumento no número de pessoas trabalhando. Na comparação com o trimestre terminado em abril, a massa de renda real aumentou 0,2%, com R\$ 354 milhões a mais.

(Fonte: DCI SP – 02/09/2019)

## 'Trabalho formal pode voltar a crescer em breve', diz Zylberstajn

*Para economista, aumento expressivo da informalidade em todo o País no trimestre encerrado em julho pode ser prenúncio de que empresas vão voltar a contratar*

*Entrevista com Hélio Zylberstajn*

*Douglas Gavras, O Estado de S. Paulo*

A queda da desocupação pelo aumento expressivo da informalidade em todo o País no trimestre encerrado em julho pode ser o prenúncio de que o trabalho com carteira assinada deve voltar a crescer em breve, segundo avaliação do professor-sênior da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (Fea-USP), Hélio Zylberstajn.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, divulgada pelo IBGE nesta sexta-feira, 30, mostram que a taxa de desemprego recuou entre maio e julho, para 11,8%, mas devido à criação de vagas no mercado informal, que bateu novo recorde.

"Os informais estão prestando serviços, contribuindo para o crescimento do nível de atividade e também estão podendo consumir mais. As empresas tendem a contratar formais quando a atividade cresce", avalia o economista, que também é coordenador do projeto Salariômetro, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

Zylberstajn também estima que os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre, divulgados na última quinta-feira, trazem sinais positivos para o mercado de trabalho, caso o crescimento da construção civil, de 1,9% ante o trimestre anterior, se mantenha.

***A seguir, trechos da entrevista:***

**Os dados de ocupação do trimestre encerrado em julho mostram um cenário mais otimista do que o do começo do ano?**

Sim. Eles mostram que a ocupação cresceu de maneira acelerada no trimestre. Se a gente pensar que, nos últimos 12 meses encerrados em julho a ocupação cresceu em 2,2 milhões, o crescimento do trimestre encerrado em julho representa 55% do crescimento

# INFORME

dos últimos 12 meses. O ritmo foi impressionante. Se o que aconteceu nesses três meses se repetir por três trimestres, serão 4,9 milhões de pessoas a mais ocupadas. Não é possível prever se esse resultado irá se repetir, mas é tudo que o País precisa.

## **Mas a informalidade bateu novo recorde no trimestre.**

Sim, esta é a notícia ruim. Dos novos ocupados, 1,2 milhão de pessoas, 96% são informais. Só 4% são formais, houve uma explosão sem precedentes da informalidade. O mercado de trabalho brasileiro teve um trimestre indiano, com mais de 90% de novos postos informais.

## **Os recordes seguidos de aumento da informalidade não assustam?**

Em um primeiro momento, sim, mas essa explosão da informalidade pode ser um prenúncio do crescimento da formalidade. Os trabalhadores que não conseguiram uma ocupação formal partiram para informalidade e estão conseguindo sobreviver. Eles estão prestando serviços, contribuindo para o crescimento do nível de atividade e também estão podendo consumir mais. Esse pode ser um prenúncio de aumento da formalidade, as empresas tendem a contratar formais quando a atividade cresce. Só não sabemos em que ritmo isso vai ocorrer.

Desses 1,2 milhão de novos ocupados, metade estava desocupada e voltou ao mercado e metade veio da desocupação que não é explícita, dos desalentados que tomaram coragem e foram à luta, voltaram ao mercado, ainda que estejam informais.

## **As pessoas também estão ganhando menos, já que o rendimento médio real dos trabalhadores caiu 1%. Isso também é um reflexo da informalidade?**

Se olharmos a curva da Pnad, quando a economia começa a empregar depois de uma crise, o rendimento médio cai. É que as pessoas agradecem aos céus só por ter uma ocupação, mesmo ganhando pouco.

## **Por isso ainda vemos um número crescente de pessoas qualificadas em ocupações de baixa qualificação?**

Exato. O trabalhador olha em volta, para a situação dos vizinhos, dos primos e amigos e vê que uma grande parte deles está desempregada. Ele vai aceitar salários menores, condições de trabalho mais duras. Só quando o emprego voltar a crescer, a massa de crescimento vai voltar a crescer também. Com as contratações, o mercado vai ficar mais competitivo e ganhando mais.

# INFORME

**Os resultados do PIB no segundo trimestre mostraram um avanço da construção civil. Isso pode se refletir no mercado de trabalho?**

É, sem dúvida, um sinal muito positivo. O crescimento da construção civil significa emprego na veia, é um setor que emprega muitas pessoas e, geralmente, trabalhadores de baixa qualificação. Se o setor tiver condições de se recuperar, pode empregar muitos trabalhadores mais jovens e com baixa experiência.

**O governo tem agido para tentar reduzir o desemprego? O presidente Jair Bolsonaro disse recentemente que o governo não gera empregos, a menos que faça concursos públicos.**

Essa lógica não faz sentido. O que se espera do Estado não é fazer novos concursos públicos, mas que ele consiga gerar empregos indiretamente. Isso não aconteceu, em partes, porque as condições fiscais não existem para investimentos diretos. As repartições públicas estão apagando as luzes às 18h e o governo está cortando gastos.

**Como resolver essa questão?**

O governo pode, sim, ajudar a criar empregos quando ele investe, quando dá crédito para financiar empresas e dá condição para que elas contratem mais pessoas. Do lado do governo não vai ter investimentos, então, o setor privado precisa sair do desalento.

(Fonte: O Estado de SP – 02/09/2019)